

José Augusto Seabra (Paris)

Dona Carolina e a Saudade

Na vasta e multimoda bibliografia de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que construiu uma obra monumental nas áreas da Filologia, da Ecdótica e da História Literária, é pouco conhecido um estudo sobre *A Saudade Portuguesa*, por ela publicado em 1914 nas Edições da Renascença Portuguesa, no Porto, e que foi escrito em Junho de 1913, destinando-se inicialmente à revista *Dionysus*, onde não chegou a sair, dado que esta «morresse antes do tempo», como a autora o explicou em nota (Michaëlis de Vasconcelos 1914: 103 anotações).

Isso levou-a a entregar o texto ao «grupo de poetas novos», que através da revista *A Águia*, na sua 2ª série, estavam empenhados num movimento de «ressurreição» pátria, de que Dona Carolina confessa só ter ouvido falar como girando em torno do *Saudosismo*, mas sem ter lido até então as publicações e conferências em que Teixeira de Pascoaes e outros renascentistas tentavam, como ela diz, «erigir todo um sistema de filosofia e de religião nacional» (Michaëlis de Vasconcelos 1914: *Post-Scriptum* 99). Foi por intermédio de Jaime Cortesão, um dos «devotos mais ardentes» da *Renascença Portuguesa*, que ela teve acesso aos escritos apologéticos ou polémicos acerca do *Saudosismo*, advertindo o leitor de que «se de antemão conhecesse esses tão valiosos e interessantes escritos, teria dado outra forma às divagações filológicas, ligeiramente retintas de filosofia», e esclarecendo ainda, para que constasse, a sua posição perante estes: «ora me afasto do modo de ser dos *saudosistas*, ora me encontro com eles», precisa Dona Carolina (1914: 101).

Compreende-se a importância destas afirmações da filóloga acerca das suas coincidências e incoincidências com as teses da *Renascença Portuguesa*, cujo acolhimento dado ao seu estudo é entretanto, desde logo, muito significativo, manifestando pelo seu lado ela também simpatia por esse sector de «patriotas que no Porto — faz questão em acentuar — tentam reacender o facho sagrado do *Renascimento*», embora os seus próprios pontos de vista não se situem exactamente no horizonte filosófico e religioso que era o do *Saudosismo*. De qualquer modo que seja, algumas convergências há que iluminam ou matizam a visão da Saudade dos renascentistas, quando cotejadas as suas con-

cepções com as da ilustre Professora, que com a República tinha ascendido às cátedras das Faculdades de Letras, primeiro de Lisboa e depois de Coimbra, não havendo sido ainda criada a do Porto, onde residuiu depois do seu casamento com o historiador e crítico Joaquim de Vasconcelos.

A Saudade Portuguesa tem como subtítulo «Divagações filológicas em volta de Inês de Castro e do cantar velho ‘Saudade minha — quando te veria?’» Na verdade, essas «divagações» foram suscitadas a Dona Carolina por uma consulta que lhe fizera o estudioso espanhol, e também diplomata, Gomez Ocerin, acerca de um *intermezzo*, colhido nas *Rimas* de Camões mas de origem popular, e inserido em Português no drama em Castelhana de Luís Velez de Guevara, *Reinar despues de morir*. Para responder a essa consulta, detém-se a filóloga não apenas no levantamento das fontes desse drama e na sua génese, no âmbito da fortuna literária da lenda trágica de Inês de Castro, mas especialmente no *mote* «Saudade minha / quando vos veria?», que na sua boca e na da sua dama Violante é intercalado, com acompanhamento musical, na cena 6^a do acto I, seguido da «*Volta*», cantada por essa dama, que é segundo Dona Carolina, com algumas deturpações de pormenor, a transcrição de uma «volta» camonianiana:

**Minha saudade,
caro penhor meu,**
a quem direi eu
tamanha verdade?
A minha vontade
De noite e de dia

Saudade minha
quando vos veria?¹

Os erros principais, detectados pela filóloga, consistem na omissão de um verso (por ela substituído na transcrição por reticências) e na substituição de *à* (ou *na*) por *a*, no 5º verso. A lição correcta da «volta» portuguesa de Camões seria a seguinte:

**Minha saudade
caro penhor meu,**
a quem direi eu
tamanha verdade?
Na minha vontade
de noite e de dia

1 Michaëlis de Vasconcelos (1914: 24 e 25). As reticências são de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, como indica em nota.

sempre vos veria!

Saudade minha
quando vos veria?²

A repetição do mote na volta — esclarece Dona Carolina — era exigida pela música, mas só a dama o cantava pela segunda vez, dado que na cena D. Inês entretanto adormera (Michaëlis de Vasconcelos 1914: 96s.). De notar que em edições subsequentes à edição *princeps*, de 1652, da peça de Guevara, essa repetição seria posta entretanto na boca das duas, como um refrão (Michaëlis de Vasconcelos 1914: 26).

É no mote que se concentra toda a atenção da filóloga, fazendo uma distinção entre a versão antiga deste e as voltas com que vários poetas quinhentistas e seiscentistas o parafrasearam. A partir dele é que ela se ocupa, mais de espaço, «da *Saudade* como ideia e como vocábulo» (Michaëlis de Vasconcelos 1914: 9), para lá da resposta perfunctória enviada ao Embaixador Gomez Ocerin (e não Olerin, como por gralha saiu na edição da Renascença Portuguesa em 1914, a qual foi corrigida na 2ª edição, de 1922, do Anuário do Brasil — Rio de Janeiro). Dona Carolina justifica esse excurso pelo facto de que em Portugal «de há um tempo para cá poetas e filósofos se ocupam com fervor da alma nacional e do sentimento doce-amargo que lhes parece ser o traço mais característico da apaixonada ternura portuguesa» (1914: 31). Alusão à voga poética da Saudade que, desde o Primeiro Romantismo, com Almeida Garrett, passando por António Nobre e pelos seus prolongamentos neo-românticos lusitanistas, veio desembocar no *Saudosismo* de Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e seus avatares renascentistas, que no *Criacionismo* de Leonardo Coimbra tiveram uma expressão filosófica.

Assim Dona Carolina se lança num «exame linguístico dos vocábulos *Saudade e Saudoso*», mas começando quanto a ela pela «*Saudade* antiga», a cujo estudo já se tinha dedicado em trabalhos como *Portugal na Literatura Castelhana*, *Cancioneiro Peninsular dos Tempos Antigos* e nomeadamente no que chama, com modéstia, um «tratadito sobre a *Saudade*», que lhe fora solicitado pelo director da *Revue Hispanique* e não chegara a redigir. Era pois para a erudita investigadora um novo «ensejo» de perfazer o estudo de uma questão que tanto a motivava e a que agora consagrava essas suas «divagações» filológicas e histórico-literárias.

2 Michaëlis de Vasconcelos (1914: 96).

O primeiro problema de fundo abordado por Dona Carolina Michaëlis reporta-se à tese da exclusividade portuguesa quer do sentimento saudoso quer da palavra em que se expressa, a qual seria, segundo a *doxa* generalizada, intraduzível noutras línguas. Tal tese foi defendida, no século XVII, por Duarte Nunes de Leão, que num célebre passo da sua *Origem da Lingua Portuguesa*, publicada em 1606, sustentava: «Saudade — este aspecto, como é próprio dos Portugueses, que naturalmente são maviosos e afeiçoados, não há língua em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda que por muitas palavras que se declare bem» («Saudade», cit. em Botelho / Braz Teixeira 1986: 18).

Sem citar esse autor, mas referindo numa nota D. Francisco Manuel de Melo, que no mesmo século retomou idêntica opinião, considerando que da Saudade «somente nós sabemos o nome», ao tratar dessa «generosa paixão» na sua *Epanáfora amorosa* (D. Francisco Manuel de Melo, «Da Saudade», excerto de *Epanáforas de Vária História Portuguesa* (cit. em Botelho / Braz Teixeira 1986: 19), Dona Carolina impugna não só como «inexacta a ideia de que outras nações desconheçam esse sentimento», mas como «ilusória», outrossim,

a afirmação (já quase quatro vezes secular), que mesmo o vocábulo *Saudade* — *mavioso nome que tão meigo soa nos lusitanos lábios* — não seja sabido dos Bárbaros estrangeiros (*estrangeiro* e *bárbaro* são sinónimos), não tenha equivalente em língua alguma do globo terráqueo e distinga unicamente a faixa atlântica, faltando mesmo na Galiza de além-Minho (1914: 39).

A filóloga inscreve-se assim contra um dos argumentos dos Saudosistas, invocado especialmente por Teixeira de Pascoaes numa sua conferência de 1912, no Porto, sobre *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, em que afirmara: «Nós somos, na verdade, o único povo que pode dizer que na sua língua existe uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva» (cit. em Botelho / Braz Teixeira 1986: 30). Afirmação essa que fora rebatida por António Sérgio, nas *Epístolas aos Saudosistas*, publicadas em *A Águia* em 1913, abrindo uma polémica no interior da Renascença Portuguesa (cit. em Botelho / Braz Teixeira 1986: 56s.).

É certo que Dona Carolina, como dissemos, só depois de escrita *A Saudade Portuguesa* terá seguido essa polémica, a cujas peças teve acesso por intermédio de Jaime Cortesão. Mas a sua posição não podia deixar de ter peso, quando a deu a público, em 1914, num contexto em

que o debate entre os renascentistas atingia o auge, embora o seu texto remontasse a um ano antes — e talvez por isso ela houvesse sentido a necessidade de o precisar, nas anotações finais (1914: 103, nota 1).

Abonando-se em vários «críticos nacionais e estrangeiros» e nas suas próprias pesquisas, a investigadora atinha-se, de facto, a uma análise linguística da questão sem outra motivação que não fosse a da possível objectividade científica. Ela aduzia, desde logo, vários exemplos concretos da existência de equivalentes vizinhos da tão decantada palavra portuguesa: «Há quatro vozes peninsulares — relevava Dona Carolina —, de origem neo-latina todas elas, que são sinónimas de Saudade», embora com matizes: «Isso vale tanto do castelhano *soledad soledades* (do mesmo modelo etimológico, evidente) como do asturiano *senhardade*, de *singularitate*; vale tanto do vulgarismo galiano *morrinha*, como do catalão *anyoransa anyorament ...*» (1914: 33s.). Com a sua preocupação de rigor e a sua finura de análise, Dona Carolina admite contudo que essas «vozes» próximas «não correspondem plenamente ao termo português» e «sobretudo que não têm nem de longe, na economia dos respectivos idiomas-irmãos, a importância e frequência da Saudade na língua portuguesa; nem tão pouco o *quid*, o não sei quê, de misterioso que lhe adere» (1914: 33s.).

Julgar-se-ia uma posição intermédia, quando não hesitante, de Dona Carolina, se ela não convocasse na sequência, em favor da tese de uma equivalência linguística possível para *Saudade*, um exemplo para si probatório entre todos — o da sua língua originária: «Plena concordância há, porém — afirma com ênfase — entre *Saudade* e a *Sehnsucht* dos Alemães». E cita paradigmaticamente versos das canções de Goethe, como este:

«Nur wer die Sehnsucht kennt, weiss was ich leide», que assim traduz:
«Só quem conhece a Saudade sabe quanto eu vou sofrendo» (1914: 34).

Aí — assinala Dona Carolina —

vibra maviosamente a mágoa complexa da Saudade: a lembrança de se haver gozado em tempos passados, que não voltarão mais; a pena de não gozar no presente, ou de gozar só na lembrança; e o desejo e a esperança de no futuro tornar ao estado antigo de felicidade (1914: 33s.).

Apontando estas «conformidades» entre a *Saudade* e a *Sehnsucht*, não deixa no entanto Dona Carolina de observar que «em regra a *Sehnsucht* alemã tem carácter metafísico», dado que «aspira a estados e as regiões ideais, sobreumanas, ao Além» (1914: 35). E ela aponta, a ilustrar essa sua interpretação, alguns trechos em Alemão, de leitura

recente, de um livro de Richard M. Meyer. Observe-se entretanto que, neste horizonte, teria podido a investigadora discernir também na Saudade portuguesa, ao longo dos seus vários ciclos, um horizonte tendencial de «interrogações metafísicas» que desde D. Duarte viriam a culminar, maxime, no *Saudosismo* e no *Criacionismo* de Pascoaes e de Leonardo, como o mostrou António Braz Teixeira (2001: 57s.). É o que aliás, aqui e ali, deixa Dona Carolina entrever, encontrando-se, como ela diz, a seu modo, com os *Saudosistas*. De resto, se ela refere, como vimos, no seu *Post-Scriptum*, que estes queriam «erigir todo um sistema de filosofia e religião nacional», a verdade é que eles mais não faziam do que levar às últimas consequências uma tendência muito antiga, pois segundo observa, «já em fins do século XVI a Saudade era considerada quase como filosofia ou religião nacional» (1914: 32).

Mas, por vocação e especialização, Dona Carolina valorizava sobretudo na «Saudade portuguesa» a sua dimensão poética lírica, desde os *Cancioneiros* medievais primitivos, de que foi exploradora incansável. E ela vislumbrava «logo no alvorecer da poesia» galaico-portuguesa, «ainda antes de 1.200» — por exemplo em D. Sancho o Velho — o desdobramento do «sentimento da Saudade nas suas duas componentes principais; *cuidado* e *desejo*» (1914: 36). Isso mesmo se — não se exime a reconhecê-lo — «nesses tempos arcaicos, os trovadores ainda não conglobavam sempre clara e definitivamente todos os sentimentos que hoje constituem a Saudade nesse mesmo e só vocábulo» (1914: 38s.). É que, como ela explica, «as formas primitivas *so-e-dade so-i-dade su-i-dade* ainda não haviam cristalizado na mais melodiosa de *saudade*», que depois tomaram. «Mas — vinca ela bem — as qualidades ternas, suaves, submissas, resignadas da paixão portuguesa, já lá estão ...» (1914: 39).

Na sua exegese da «Saudade Portuguesa», que Dona Carolina concebeu como essencialmente filológica, alargando-a embora ao domínio da poética e admitindo que as suas «divagações» estavam «ligeiramente retintas da filosofia», a investigadora que nela predominava deteve-se mais largamente na análise linguística da palavra *Saudade*, tanto no plano do significante (da forma da expressão) como do significado (da forma do conteúdo), para usarmos a terminologia metalinguística de Saussure e de Hjelmslev. Partindo do étimo latino *solitatus* («evidentíssimo», segundo ela, e reconhecido tanto pelos filólogos antigos como pelos seus contemporâneos), ei-la que propõe, entretanto, uma «nova» maneira de «historiar mais minuciosamente as evolu-

ções de forma e de significado». E, assim, na série de «estádios», que reconstitui, «o vocábulo herdado *soledade*, passando por *soidade*, que deu *suidade* (suydade), chegou a ser *sàudade*, em tempos modernos...» (1914: 50) Acrescentando Dona Carolina, algo ironicamente, que, pelo menos em Lisboa, já se passara a um outro estádio — o de «*sódade*» por «*saudade*» —, sendo porém de esperar, faz ela votos, que «a parte culta da nação não deixe generalizar-se essa vulgarização e continue a pronunciar *sàudade*» (1914: 50s.).

Quanto à estrutura do significante, Dona Carolina sustenta que

soedade soidade suidade sempre contaram na poesia arcaica por quatro sílabas, correspondentes às do latim *solitates*, de que saíram, por evoluções fonéticas normais: queda do *l* intervocálico; redução das outras duas consoantes mediais, de dentais fortes a brandas, redução do *i* átono a *e* surdo; finalmente pronúncia de *o-e* como *o-i* e redução a *u-i*, que, pela tendência do português a formar ditongos decrescentes se deviam fundir necessariamente num *uí* (1914: 50).

Para a investigadora, há, porém, um «enigma», cuja «chave» busca na «analogia», na «associação de ideias» ou na «etimologia popular»: a «substituição esporádica de *o-i* por *au*, que aumentando a sonoridade melancólica do vocábulo, aumentou ao mesmo tempo a sua significação: o conteúdo, o espírito, a alma» (1914: 54). Aventando que «o influxo que houve pode ou deve provir de palavras que principiavam com *saud*...» (como *saudar* e *saúde*, «populares e muito usadas»), Dona Carolina deixa, no entanto, de certo modo, a pairar o mistério.

E é sobre a análise da «alma» da palavra (na acepção de «significado» ou «ideia», metalinguagem pertinente utilizada pela filóloga, por aí já próxima da linguística moderna) que enfim se debruça. Em seu parecer, «o galego-português *soedade* era, na primitiva, aquilo que hoje é uso designar-se por *soidão*, proveniente de outro derivado latino de *solus*: *solitudine*, em francês *solitude*» (1914: 61).

Mais exactamente, *soedade* designava como referente um «lugar ermo», o «estado da pessoa que está solitária», ou mais abstractamente ainda o «isolamento». Veja-se o uso da palavra *soidade* por Camões em versos como estes:

Lá numa soidade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece... (1914: 62).

Outras conotações múltiplas da palavra daí foram decorrendo, pouco a pouco: *ausência*, *abandono*, *falta*, *míngua*, *carência* de pessoas ou coisas desejadas, a que se associou a sensação de *desamparo*, *tristeza*,

melancolia. Assim o significado originário de *soidade* foi-se perdendo, sobretudo com a passagem do significante *soidade* a *saudade*

Uma vez feita essa separação — eis a hipótese tão sedutora de Dona Carolina —, foram os poetas, de Bernardim Ribeiro a Camões, e de Camões a Garrett, de Garrett a António Nobre, Teixeira Pascoaes, Correia de Oliveira e Afonso Lopes Vieira que encheram a *Saudade* de tudo quanto de vago e misterioso e apaixonado e melancólico se desentranha da alma nacional (1914: 64).

Faltou a Dona Carolina citar Fernando Pessoa, que por essa altura elaborava as suas poéticas órficas e heteronímicas, depois de nos seus célebres artigos n' *A Águia*, de 1912, ter caracterizado a «nova poesia portuguesa», a partir do Saudosismo renascentista, através do «vago», do «subtil» e do «complexo», que se iriam reencontrar na sua própria poesia «paúllica», «sensacionista» e «interseccionista», bem como na dos demais modernistas, sem que deixasse de assumir da Saudade e os avatares futurantes. Mas essa seria uma outra história, que em 1913 Dona Carolina mal poderia ainda pressentir, mais voltada que estava para uma *traditio* do que para uma *revolutio*.

Era na tradição, não apenas da literatura erudita mas da oratura popular, que ela buscava e rebuscava as raízes da «Saudade portuguesa». Partindo como partira do *mote* inserido em português por Luís de Guevara no seu drama em Castelhano sobre Inês de Castro, Dona Carolina a ele regressa no final do seu estudo, considerando-o um «Cantar velho», de que «a pergunta exclamatória e a rima, meramente vocálica, denunciam origem popular» (1914: 87). Por isso, tendo distinguido «entre o lindo e o sonoro Mote português, velho e popular: *Saudade minha, quando te veria?* ou, à antiga: *Saudade minha, quando vos veria?*, e as diversas Voltas, modernas e artísticas, em que poetas quinhentistas e seiscentistas o parafrasearam», ela se interroga-se sobre a pertinência da substituição de *minha* por *mia*, proposta por Wilhelm Storck, que do *mote* se ocupara em comentário às redondilhas de Camões, um entre tantos mais poetas que sobre ela escreveram voltas, de Sá de Miranda a Andrade Caminha, Frei Agostinho da Cruz e outros. Segundo Dona Carolina, a pronúncia *mia* em textos do séc. XVI era impossível. E em todas as edições da *Rimas* de Camões, observa ela, é *minha* que lá está.

De qualquer modo, as hipóteses que ela emite sobre a origem do *mote* são bem significativas do cuidado metodológico que punha nas suas investigações sobre a Saudade:

O Cantar velho de *Saudade minha*, se não for criação verdadeiramente popular, renascida nalguma das *solidões* ou *soedades*, em que nasceram as saudades em geral, conforme provei, então saiu (e eu acho mais provável que saísse) da alma de algum português culto em que a ternura nacional arraigara profundamente. Neste caso, como em todos os demais, é impossível decidir entre as duas possibilidades (1914: 89).

Aqui está retratada toda a inteira personalidade intelectual, científica e humana de Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos. A visão da «Saudade portuguesa» na qual esse estudo tão apaixonante se perfila, com a douda argumentação e consistência em que se fundamenta, transcende sempre a mera exposição seca de uma erudição filológica e histórico-literária — remetida aliás em grande parte para as numerosas e minuciosas anotações finais —, abrindo-se, sim, a constantes dúvidas e interrogações «retintas de filosofia», tal como Dona Carolina a assume e pratica a seu modo, parecendo assim identificá-la com a «metafísica» da *Sehnsucht* alemã, como se da Saudade da sua origem germânica fosse a expressão portuguesa. Expressão a que não é também estranha a sua condição de Mulher, repartida entre duas mátrias, cuja sensibilidade contida aflora muitas vezes no texto, com um toque sóbrio mas vibrátil. E não há-de afinal a Saudade ter uma figuração feminina, como a que Pascoaes mitograficamente lhe deu, projectando-a religiosamente em Vénus e Maria? Por esse e por outros traços de afinidade espiritual foi sobremodo emblemática a publicação desse estudo de Dona Carolina pela *Renascença Portuguesa*, anunciadora das «saudades do futuro» de que falava o poeta e profeta do Saudosismo.

Bibliografia

- Botelho, Afonso / Braz Teixeira, António (eds.) (1986): *Filosofia da Saudade*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Braz Teixeira, António (2001): «Metafísica e Saudade», em: *Formas e Percursos da Razão Atlântica: Estudos de Filosofia Luso-Brasileira*, Londrina.
- Meyer, Richard Moritz (1913): *Nietzsche: sein Leben und seine Werke*, München: Beck.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1914): *A Saudade Portuguesa*, Porto: Renascença Portuguesa.